

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**ROSANA RODRIGUES LOPES**

**AOS DA NOSSA RUA: AS DESPEDIDAS DA INFÂNCIA EM “BECOS DA  
MEMÓRIA” DA ESCRITORA BRASILEIRA CONCEIÇÃO EVARISTO E “OS DA  
MINHA RUA” DO ESCRITOR ANGOLANO ONDJAKI**

**Bagé  
2022**

**ROSANA RODRIGUES LOPES**

**AOS DA NOSSA RUA: AS DESPEDIDAS DA INFÂNCIA EM “BECOS DA MEMÓRIA” DA ESCRITORA BRASILEIRA CONCEIÇÃO EVARISTO E “OS DA MINHA RUA” DO ESCRITOR ANGOLANO ONDJAKI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Miriam Denise Kelm

**Bagé  
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

L864d Lopes, Rosana Rodrigues

Aos da nossa rua: as despedidas da infância em "Becos da memória" da escritora brasileira Conceição Evaristo e "Os da minha rua" do escritor angolano Ondjaki / Rosana Rodrigues Lopes.

39 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2022.

"Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. Literatura afro-brasileira. 2. Literatura africana. 3. Oralidades. 4. Memórias infantis. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

**ROSANA RODRIGUES LOPES**

**AOS DA NOSSA RUA: AS DESPEDIDAS DA INFÂNCIA EM “BECOS DA MEMÓRIA”, DA ESCRITORA BRASILEIRA CONCEIÇÃO EVARISTO, E “OS DA MINHA RUA”, DO ESCRITOR ANGOLANO ONDJAKI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 19 de agosto de 2022.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm

Orientadora

(UNIPAMPA)

---

Prof. Dr. Thiago Santos da Silva

(UNIPAMPA)

---

Profa. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rego

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **THIAGO SANTOS DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/08/2022, às 22:40, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/08/2022, às 15:12, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/08/2022, às 14:22, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0904015** e o código CRC **D6CB2085**.

---

Referência: Processo nº 23100.017630/2022-12 SEI nº 0904015

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe pelas constantes orações, a minha filha Marina e imensamente à minha orientadora Profa. Dra. Miriam Kelm, obrigada por acreditarem e nunca desistirem de mim.

## RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso quero apontar nas Literaturas de autoria negra, de Conceição Evaristo, *Becos da memória* e de Ondjaki, *Os da minha rua*, uma significação da existência da vida da população negra, no campo literário. O trabalho busca dar notabilidade a estes escritores para maior valorização da cultura negra no Brasil e em Angola; expressar através das contribuições culturais contidas nos contos o Continente Africano de forma edificante; assim como as habitações irregulares em favelas. As similaridades entre as despedidas da infância das personagens da mesma forma objetivará o trabalho. Para alcançar os resultados esperados foi feita uma pesquisa bibliográfica por autores que abordam a Literatura negra/preta. Busco através desta análise valorizar a cultura negra, os territórios de cada autor e a vivência infantil. Os principais autores que respaldam este estudo são: Ana Mafalda Leite, Luis Cuti e Eduardo de Assis Duarte, entre outros.

**Palavras-Chave:** Literatura afro-brasileira. Literatura africana. Oralidades. Memórias infantis.

## RESUMEN

En este trabajo de Conclusión de Grado quiero apuntar en las Literaturas de autoría negra, de Conceição Evaristo, *Becos da memória* y de Ondjaki, *Os da minha rua*, una significación de existencia de la vida de la población negra, en el ámbito literário. El trabajo busca dar notabilidad a esos escritores para mayor valorización de la cultura negra en Brasil y en Angola; expresar a través de las contribuciones culturales contenidas en los cuentos el continente africano de forma edificante; así como las habitaciones irregulares en los barrios bajos. Las similitudes entre las despedidas de la niñez de los personajes de la misma forma objetivará el trabajo. Para alcanzar los resultados esperados fue hecha una investigación bibliográfica por autores que abordan la Literatura negra. Busco a través de esta análisis valorar la cultura negra, los territorios de cada autor y la vivencia añorada. Los principales autores que respaldan este estudio son: Ana Mafalda Leite, Luis Cuti y Eduardo Assis Duarte, entre otros.

**Palabras clave:** Literatura afrobrasileña. Literatura africana. Oralidades. Recuerdos añorados.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 LITERATURA NEGRA: CONCEIÇÃO EVARISTO E ONDJAKI.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 As personagens em meio ao contexto socioeconômico .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 A Ancestralidade em Vó Rita e Vó Agnette .....</b>	<b>23</b>
<b>3 PARECENÇA ENTRE AS MEMÓRIAS INFANTIS DE MARIA NOVA E NDALU .....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 A prática da oralidade africana presente na Literatura .....</b>	<b>30</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

(...) *Quando meus pés  
abrandarem na marcha,  
por favor,  
não me forcem.  
Caminhar para quê?  
Deixem-me quedar,  
deixem-me quieta,  
na aparente inércia.  
Nem todo viandante  
anda estradas,  
há mundos submersos,  
que só o silêncio  
da poesia penetra.*

(CONCEIÇÃO EVARISTO)

Na memória afetiva das crianças estão guardadas as mais belas lembranças da infância. Pode ser o convite de um amigo para conhecer um brinquedo novo, uma viagem à casa dos tios ou o primeiro dia de aula, todos nós temos uma história infante para contar. Pretendo com a escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso evidenciar dois escritores negros/pretos, que trazem em suas narrativas de cunho biográfico as memórias infanto-juvenis, Conceição Evaristo e Ondjaki.

Deparando-me com a oralidade africana, presente na ancestralidade de pessoas negras/pretas no Brasil, e nos relatos da obra de nacionalidade angolana, encontrei semelhanças entre as memórias afetivas dos personagens nos momentos de despedidas dos espaços em que viveram suas infâncias. As obras que serão utilizadas são as seguintes: *Os da minha rua* (ONDJAKI, 2007) e *Becos da memória* (EVARISTO, 2006). Nestas literaturas as vivências infanto-juvenis se desenrolam em contextos sociais muito distintos, porém as narrativas mostram que a vida das personagens pode colaborar para a identificação e valorização da cultura negra no Brasil e em Angola.

Ambos os escritores são de grande representatividade em seus respectivos países. Evaristo ganhou o prêmio Jabuti de Literatura de 2015, na categoria Contos e Crônicas, por *Olhos D'Água*, entre outras premiações com suas traduções internacionalmente reconhecidas. O escritor angolano Ondjaki também possui um acervo literário com vastas premiações, com *Os da minha rua*, Ondjaki venceu o Grande Prêmio APE (Associação Portuguesa de Escritores), Portugal, 2007 e foi finalista do [Prémio Portugal Telecom](#) (BRASIL, 2008), com a mesma obra.

A partir da lei 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB Lei - 9.394/96) e determina o ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, o mercado editorial se abre para autorias negras de notabilidade e amplia a oferta de obras de escritores negros do Brasil e do exterior. O interesse das editoras nestas literaturas torna-se mercadológico com a promulgação desta lei, tendo em vista a negativa de publicação da obra citada, *Becos da memória* de Conceição Evaristo que demorou quase 20 anos até ser aceita sua publicação. Seguindo caminho inverso a este fato, os “Cadernos Negros” (CN) que até hoje mantêm um espaço dedicado à publicação da cultura negra, tendo surgido na década de 70, e sendo criado por participantes do Movimento Negro e do Centro de Cultura e Arte Negra (CCAN), segundo Cuti (2020), acabam se fortalecendo com a extensão das discussões sobre a temática racial em espaços culturais e algumas escolas.

O presente trabalho tem sua origem a partir de um encontro com a obra de Conceição Evaristo, *Becos da memória* (2006), durante o período de estágio curricular, em uma escola da rede estadual da cidade de Bagé. Naquela ocasião também cursava o componente curricular denominado “Literatura para Jovens e crianças” no curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa campus Bagé/RS) onde conheci a obra do escritor Ondjaki.

Através de minha participação no projeto de extensão da universidade chamado NULI (Núcleo de Formação do Leitor Literário) que propiciava a comunidade acadêmica leituras dramatizadas pelo campus e, consultando o acervo do projeto, percebi a relevância dos dois escritores. A presença da mulher negra na literatura brasileira é muito significativa para o leitor negro/preto, em especial o público feminino, que estando em escolas e universidades não encontram seus iguais como referências literárias. Eu mesma, só conheci escritoras negras/pretas no curso de Letras da Universidade. Quando estava na Educação Básica nunca havia sido apresentada a alguma escritora de minha *parecença*.

Este fato me fez aceitar o convite de uma colega da minha primeira graduação em Pedagogia, para integrar o NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena da UNIPAMPA/Bagé). Na ocasião em que fomos colegas, protagonizamos momentos de confronto em relação às discussões sobre a temática racial durante as aulas de Sociologia. Ao término do curso éramos as únicas alunas negras/pretas na turma de formandos do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Prosseguindo os estudos nos reencontramos na universidade e desde então, unidas pela representatividade de mulheres negras/pretas nos espaços acadêmicos de graduação e pós-graduação.

Nesta etapa os assuntos envolvendo a presença feminina negra/preta, seja na Literatura ou em outras áreas do conhecimento me atraíram muito. Esperei ansiosa pela oferta do componente curricular de “Cultura Africana - eletiva” e para minha surpresa entre as obras mencionadas estava a da escritora Conceição Evaristo e no componente obrigatório de “Literaturas de Expressão Portuguesa III,” que trata das literaturas africanas de Língua Portuguesa, encontrei novamente Ondjaki e passei a ter a certeza que seriam os autores que gostaria de trabalhar na elaboração da pesquisa para o meu TCC. Esta é minha *escrevivência*, em relação ao processo de escolha do tema desenvolvido.

Com base no Estatuto da Criança e do Adolescente em seu Art. 2º “considera-se criança, para os efeitos desta Lei a pessoa de até doze anos de idade incompletos e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990) utilizarei o termo infanto-juvenil referindo-me ao período da infância das crianças, tendo em vista que as personagens possuem 10 e 13 anos, respectivamente.

O critério adotado para investigação da pesquisa foi o levantamento bibliográfico de literaturas e artigos que complementam as obras. Após a leitura do material, a busca pelo audiovisual se mostrou oportuna com o surgimento significativo de *lives* e entrevistas feitas aos autores por editoras e universidades. Com a flexibilidade do acesso a estes recursos no período pandêmico em que nos encontrávamos (2020-2021), considereei aproveitá-los por serem de excelente credibilidade.

Haverá a tentativa de ressignificar os territórios apresentados nas obras com a intenção de anular pré-julgamentos em relação ao continente africano, estereotipado como exótico e de grande miserabilidade, sendo estas representações encontradas na maioria dos livros didáticos.

Os nomes completos de alguns autores descritos no texto tem o propósito de notabilizar a escrita daqueles que tratam da temática racial. As habitações em favelas (aglomerados subnormais) estabelecidas pelo IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010) também serão contextualizadas. No decorrer do texto preferi utilizar os termos *negro/preto* para referir-me a Literatura ou à pessoas, a partir da introdução para simbolizar o primeiro a denominação desta população diante da organização da Frente Negra na década de 30 e o segundo termo para representar o mais utilizado atualmente.

A escrita deste trabalho organiza-se da seguinte maneira: a primeira parte é a *Introdução*, o segundo capítulo intitulado *Literatura negra: Conceição Evaristo e Ondjaki*,

apresentam uma breve fundamentação sobre a “Literatura Negra/Preta” com autores que utilizam-se desta expressão para mencionar a produção literária de pessoas negras/pretas. No terceiro capítulo intitulado *Parecença entre as memórias infantis de Maria Nova e Ndalú* algumas lembranças do período de criança, das brincadeiras, da escola e das festas serão observadas. A atenção pelas histórias dos mais velhos ocorre nas narrativas dos dois autores e neste capítulo as despedidas dos espaços das infâncias e aspectos da Literatura negra/preta definida por DUARTE (2015) serão analisadas de forma simultânea ao referencial teórico.

A contextualização do lugar onde se desenrolaram as histórias poderá despertar no leitor lembranças significativas da infância diante o cotidiano das personagens descritas nos resumos das obras; está à frente do título deste trabalho um trocadilho, com a obra de Ondjaki intitulada *Os da minha rua*, utilizarei *Os da nossa rua* prevendo a semelhança com a vida infanto-juvenil de muitos de nós.

Os contos mais usados da obra de Ondjaki para explicitar o território do menino Ndalú serão: *O último carnaval da vitória e Palavras para o velho abacateiro*, o primeiro descreve a reunião de familiares e amigos para uma comemoração histórica e o segundo que finaliza o livro, apresenta de forma emocionante a despedida de Ndalú da infância. Na obra de Evaristo *Becos da memória* os relatos da vida na favela diante da pobreza e a face feminina no auxílio e na luta pela sobrevivência, marcam a despedida daqueles becos da personagem Maria Nova. Para tal, na conclusão deste trabalho será retomado os aspectos da Literatura negra/preta, os tipos de oralidades e os resultados alcançados com a pesquisa.

## 2 LITERATURA NEGRA: CONCEIÇÃO EVARISTO E ONDJAKI

A literatura negra aqui mencionada é fundamentada pelo poeta e escritor Luís Silva (Cutí), um dos principais fundadores dos “Cadernos Negros” que em 2020 publicou a sua 43ª edição, com um número expressivo de escritores e escritoras negras/pretas. Este poeta também é fundador do site literário “Quilombhoje”, que comercializa obras de Literatura negra/preta.

A necessidade de um espaço editorial de temática racial, surgiu após censura de colegas de faculdade de Cutí, em relação a textos que traziam a temática negra no jornal do curso de Licenciatura em Letras - Português/Francês da USP (Universidade de São Paulo) na década de 1970. Inconformado, Silva e o amigo e advogado Hugo Ferreira Zambukaki, juntamente com colaboradores e frequentadores do CCAN (Centro de Cultura e Arte Negra), transformaram fotocópias de textos e poemas, voltados para a população negra/pretas, em um jornal tipografado intitulado “Cadernos Negros”, como reconta Cutí em entrevista ao “Programa Convida” do Instituto Moreira Sales (IMS), 2020.

Para Cutí, “Atrelar a literatura negra/preta à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro. E não se assume como negra/preta” (CUTI, 2010, p. 36). Como precursor dos “Cadernos Negros” e militante do movimento negro, para Cutí a identidade racial vem em primeiro lugar quando se fala em autoidentificação. Em sua obra *Literatura negro-brasileira* ele afirma:

[...] a palavra “negro” nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão “afro-brasileiro” lança-nos, em sua semântica, ao continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas à ascendência negro-brasileira. (CUTI, 2010, p. 40).

É compreensível a persistência do escritor em torno da nomenclatura desta Literatura que foi marginalizada por muito tempo e, gradativamente, vem ganhando lugar de destaque nas livrarias. O escritor destaca que no continente africano nações ao norte do deserto do Saara, Líbia, Marrocos, Tunísia e Argélia, pertencentes ao mundo árabe, não se identificam com a cultura negra, embora sejam norte-africanas (CUTI, 2010, p. 40); por isso sua resistência ao termo *afro*.

Uma escritora que ganhou notoriedade e que iniciou suas publicações nos “Cadernos Negros” foi Conceição Evaristo, em 1990, a partir do lançamento do volume 13, dos cadernos. Ela afirma em entrevista aos “Cadernos Negros” pelo “Programa Convida” do Instituto Moreira Sales (INSTITUTO MOREIRA SALES, 2020), ter formado seu primeiro público leitor nesta série de publicações anuais. Com a obra *Becos da memória*, que a escritora só consegue publicar muitos anos após sua escrita, Evaristo por vezes se apresenta ainda menina, na fusão com a personagem principal.

As vivências das personagens que foram inspiradas em histórias que Conceição escutava, juntamente com a prática da escrita ao longo dos anos, talvez tenha gerado a expressão que identifica a sua obra: *escrevivência*. Este termo chamado por Felisberto de “operador teórico” (FELISBERTO, 2020, p. 166), destaca a sua literatura em qualquer parte do mundo. Onde for pronunciada sua alcunha de *escrevivência*, seus leitores saberão de quem estará sendo falado.

E por falar em escrita, o ato de escrever, ou melhor, o fato de uma pessoa negra/preta ter o dom de escrever, atualmente causa surpresa entre o público leitor que desconhece a Literatura de autoria negra/preta, acostumado a encontrar os livros de autores negros/pretos nas livrarias na seção de História afro-brasileira ou História africana. Hoje o mercado editorial, por interesse comercial tem se apropriado da Literatura negra/preta para publicar e preencher as vitrines das livrarias aproveitando-se do destaque que muitas obras vêm ganhando. Autores recebendo elogios da crítica literária e sendo premiados dentro e fora do Brasil aguçaram as grandes editoras, que rapidamente buscaram comercializar estas obras além de promover *lives* e entrevistas.

Mas longe deste contexto, quero apontar a escrita como forma de mecanismo de defesa diante das desigualdades sociais. Conceição revela esta fuga através da escrita, lia e escrevia muito para não adoecer: “E falo adoecer no sentido de procurar outras formas de aguentar, de suportar a realidade” (EVARISTO, 2020, p. 33). A vida na favela pedia por histórias dos becos daquele lugar, vivências que seriam expulsas e diluídas pelo vento, com os anos longe dali. Esses registros precisavam ser contados com “palavras de dizer”, como Ondjaki se refere no último conto da sua obra *Os da minha rua* (ONDJAKI, 2007).

A autora sentia que algo lhe inquietava, por isso escrevia, “Entretanto, creio que talvez o primeiro esforço meu para passar para o papel uma experiência que não cabia mais em mim foi quando, também nos anos 1960, escrevi um texto que, hoje, vejo – naquela pequena crônica – a origem do texto *Becos da memória*” (EVARISTO, 2020, p. 33). Estes

textos ficaram por muito tempo engavetados após algumas tentativas frustradas de publicação, relembra Evaristo em *Becos da memória* (EVARISTO, 2006, p.11). De certa forma as negativas a Evaristo evidenciam as dificuldades que as autoras negras enfrentavam diante de um mercado editorial que não acreditava na qualidade de sua escrita.

Em países africanos as poucas editoras e livrarias acabam tornando a publicação de livros um custo muito alto; em entrevista à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 2020 através do projeto “*PUCRS Cultura, Live de cabeceira*” Ondjaki fala de seu projeto de criar uma Livraria e Espaço Cultural além de uma editora em Angola, o projeto interrompido pela pandemia de Covid 19, tinha por intenção valorizar os autores locais e facilitar suas publicações. O escritor angolano Ondjaki é personalidade expressiva dentro da literatura mundial, com abrangência no mercado editorial e tradução de suas obras em vários países. Ele divulga, em suas palestras e para todos os que apreciam seus contos e poesias, outras autorias angolanas num ato generoso e compatriota.

Assim como Evaristo, Ondjaki é de grande representatividade para a Literatura negra/preta, um dos contos de *Os da minha rua*, intitulado “O carnaval da Vitória” foi utilizado no ENEM. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação Prova de Ciências Humanas e suas Tecnologias (BRASIL, 2020) , demonstrando a notoriedade do escritor entre o público brasileiro.

Mas afinal o que é Literatura negro/preto-brasileira? Em *Notas de Escurecimento: Vivências sobre a literatura negro-brasileira* - com Plínio Camillo, programa promovido pelo Ministério da Cidadania, Instituto Center Norte e Governo do Estado de São Paulo por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa – ‘POIESIS GESTÃO CULTURAL, o escritor e dramaturgo apresenta, em 4 programas, algumas definições de Literatura negra/preta sob o ponto de vista de diversos escritores negros/pretos e precursores desta literatura. Camillo destaca uma das mais completas definições neste programa: “Assim poderíamos definir literatura negra no Brasil (ou afro-brasileira) como a produção literária de descendentes de africanos que se assumem ideologicamente, como tal.” (LOBO, 1993, p. 206).

Para aqueles que estão conhecendo o conceito de Literatura negro-brasileira pela primeira vez, pode causar incerteza a utilização do termo *negro*, para alguns, e *afro*, para outros poetas e estudiosos. Isso ocorre pela liberdade que os “Cadernos Negros” concede a seus escritores e colaboradores, tendo em vista que grande parte dos poetas e narradores negros/pretos brasileiros participam desta antologia.



Outra definição de Literatura negra/preta apresentada por Camillo utiliza o termo *afro*, pelos seus autores; “A diferença dos poemas afro-brasileiros é a sua capacidade de dar visibilidade às marcas culturais e existenciais que identificam os descendentes de africanos no Brasil” (NOTAS DE ESCURECIMENTO, 2020). Plínio Camillo afirma ainda nesse programa que “não se pensa em Literatura negro/preto-brasileira fora do contexto da Literatura canônica oficial, na verdade busca-se reconhecimento na Literatura canônica, tendo em vista o branqueamento de muitos escritores negros/pretos” (NOTAS DE ESCURECIMENTO, 2020).

Mesmo diante da consolidação dos “Cadernos Negros” que está na 43ª edição, seus intelectuais e escritores mantêm constantes esclarecimentos ou *escurecimentos*, segundo Camillo, sobre a Literatura negro/preto-brasileira. O programa “Notas de escurecimento”, que originou-se no ano de 2020, demonstra o quanto é necessário discutirmos a respeito da temática racial identificando-a na Literatura brasileira.

Mostrar aspectos da cultura negra/preta, que sofreu influências africanas plurais de tal maneira que tornou enriquecedoras as áreas do conhecimento, das artes, do turismo e lazer é muito significativo. Não se trata de nos reafirmarmos enquanto pessoas negras/pretas, mas nos fazer perceber com naturalidade em espaços pouco ocupados por pessoas de pele escura.

## **2.1 As personagens em meio ao contexto socioeconômico**

Maria Nova compreendia a vida de muito sacrifício na favela, “A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante” (EVARISTO, 2006, p. 16). Em uma favela na cidade de Minas Gerais vive a infantil menina que, entre os barracos, ajuda sua mãe a lavar roupas nas torneiras de uso coletivo, ela as chamava de “torneira de baixo” e “torneira de cima”.

A menina preferia a torneira de baixo que era mais divertida por ter outras crianças e a possibilidade de ganhar restinhos de doces do *Botequim da Cema*. Entre as curiosidades que ela carregava, a maior de todas era a de poder ver “a outra” que vivia embolada com Vó Rita. Atrás de um velho portão de madeira “a outra” espiava a movimentação em uma das torneiras da favela. As lembranças de Maria Nova são narrativas interseccionadas pela pobreza, ancestralidade escravizada e solidão da mulher negra, tendo como cenário principal o processo de desfavelamento, isto é, retirada de pessoas à força das ocupações irregulares em espaços urbanos.

*Becos da memória*, de Conceição Evaristo (2006), é uma obra ficcional em que as personagens passam por circunstâncias atuais na luta pela sobrevivência. Apesar dos territórios serem distintos, os núcleos familiares das personagens das duas obras analisadas apresentam similaridades. O respeito às pessoas mais velhas é mantido em ambos os lares e tanto Ndalú quanto Maria-Nova são beneficiados por estas pessoas através das histórias de tradição oral, que eram contadas por elas. “A menina [...] gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia” (EVARISTO, 2006, p. 31); conhecendo-a “Maria-velha parece que adivinhava os desejos de Maria-Nova. E quando a menina estava para o sofrer a tia tinha tristes histórias para rememorar” (EVARISTO, 2006, p. 32); as narrativas da tia despertavam na adolescente um grande desejo de retirar do peito essas histórias, idealizava Maria Nova.

Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (EVARISTO, 2006, p. 143).

A pobreza se manifesta nos detalhes e se transforma em grandes dificuldades quando a única oportunidade se esgota. Nesta ocupação de aglomerado subnormal vivem famílias muito carentes, como a menina, que no início da puberdade foi vendida, pela mãe, ao fornecedor de cigarros para comprar remédio ao filho doente, e que teve a infância interrompida pela necessidade, sonhava: “Armazenar chocolates e maçãs. Ter patins para dar passos largos [...] A mãe da menina sonha leite, pão, dinheiro. Sonha remédios para o filho doente, emprego para o marido revoltado e bêbado” (EVARISTO, 2006, p. 37) Nazinha deixa a amiga Maria Nova com esta triste lembrança dos sonhos que a vida lhe arrancou. Sua mãe precisou fugir do morro, pois todos já sabiam o que acontecera com a menina.

Tio Totó, já no terceiro casamento com Maria Velha, habita aquele lugar como as eternas lembranças do tempo em que o sinhô da fazenda era seu dono, lembra a fuga em que, ao atravessar o rio, as águas levaram esposa e filha. Sente as lágrimas escorrerem no rosto, da mesma maneira que a água do rio corre e vai levando tudo de “roldão”, como narra Evaristo (2006, p. 28). “Quando lhe batia o banzo tio Totó dizia que sentia sede de terra, queria morrer logo” (EVARISTO, 2006, p. 47).

A solidão da mulher negra pode ser aqui representada pelas personagens: Ditinha, que morava com seu pai (paralítico), seus três filhos e a irmã mais nova em um dos barracos. Trabalhava de doméstica numa mansão perto do morro. Sofria com tanta miséria, “Olhou seu barraco, uma sujeira. As roupas amontoadas pelos cantos. Olhou as paredes, teias de aranha e

picumãs. Um cheiro forte vinha da fossa” (EVARISTO, 2006, p. 99). Certa vez Ditinha, após a festa de aniversário da patroa, ao guardar os presentes que nunca havia visto antes, resolveu roubar um broche de D. Laura. A moça que admirava a beleza e a vida luxuosa da patroa se encantou com o verde da pedra, que aos seus olhos parecia macia, como relata Evaristo “Num segundo eterno, Ditinha pegou todas as jóias e guardou na caixinha. Colocou a pedra verde suave, que até parecia macia, por cima de tudo” (EVARISTO, 2006, p. 101). Dias depois a polícia subiu à favela e prendeu a doméstica.

E Cidinha Cidoca que era vista por todos como mulher fácil, doida e bêbada. Sem família, a moça vivia pelos botequins, jogada, suja e despenteada. Certa vez Cidinha que pouco falava, andava a resmungar que iria morrer, “Morrer como e por quê, e de quê, perguntaram para ela. A moça respondia que ia morrer de não viver. E para todos, ela apenas confirmava a loucura. Morrer de não viver.” (EVARISTO, 2006, p. 150). Mas na favela havia um buraco enorme e úmido, ninguém ousava construir perto dali. Nem mesmo os vadios meninos traquinavam por aquelas bandas.

O Buracão parecia crescer na área vazia da favela que se esvaziava ainda e ainda. Era uma imponente cratera. De cá de fora sentíamos e imaginávamos a umidade lá dentro. Era todo úmido o vazio do buraco. Era todo úmido o canto dos olhos de quem retinha as lágrimas. Maria – Nova não aguentava mais era o coração explodir-lhe nos olhos e no peito. (EVARISTO, 2006, p. 150).

Os moradores estavam vivendo momentos de angústia com a possibilidade de terem que abandonar o local onde para muitos era a única referência de lar. Por mais humilde que fosse o barraco, não queriam deixá-lo. Foi neste clima de despedida que aconteceu o espanto geral, Cidinha Cidoca havia sido encontrada sem vida no buracão úmido que aterrorizava a todos (EVARISTO, 2006, p. 150).

Nem tudo era tristeza na vida de Maria Nova, os poucos momentos de alegria na infância da menina vinham da dedicação de Vó Rita em cuidar de todos da favela, do amigo de apelido “Bondade” que aparecia a cada início de mês com ajuda de alimentos e algum remédio para quem mais precisasse e as boas lembranças da Festa Junina na casa do cabo Armindo: “Ele bancava toda a festa. Serviam-se canjica, doces, biscoitos, fogueira, batata-doce, quentão, tudo à vontade. Ninguém pagava nada.” (EVARISTO, 2006, p. 45).

Entre a indenização e as tábuas que foram oferecidas em contrapartida à saída da favela, muitos preferiam as tábuas. O valor em dinheiro não cobriria os custos de outra moradia. Construiriam em outro lugar “o espaço da favela aparece como materialização da

condição de inferioridade e exclusão que os moradores vivenciam cotidianamente (SILVA, 2014, p. 6)”. O período em que Evaristo aponta esses registros em *Becos da memória* tem relação síncrona com os relatos de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, as décadas mantêm-se bem próximas, podendo ser comparadas.

Algo em comum que poderemos encontrar nelas é o crescimento destas ocupações em decorrência da omissão do Estado diante do poder aquisitivo das pessoas. Carolina em relação aos políticos daquela época declara: “o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora”. (JESUS, 2016, p. 25). Este trabalho não objetiva a comparação entre essas duas obras, mas, neste caso, caberia um pequeno recorte das habitações em favelas baseados nos relatos de Conceição e Carolina de Jesus para ressignificá-la nos dias atuais.

A CUFA (Central Única das Favelas, RS) é uma organização brasileira reconhecida nacional e internacionalmente nos âmbitos políticos, sociais, esportivos e culturais, há 20 anos realiza cursos e ações de bem-estar para moradores destas comunidades. A parceria com entidades não-governamentais permite constância em seus projetos, oferecendo auxílio a um número cada vez maior de moradores destes locais. Felizmente as personagens de *Becos da memória* contavam com a bondade de Vó Rita, que tinha um coração do tamanho do mundo e podia ser vista como a precursora da solidariedade nestas moradias.

O desejo de Ditinha pela pedra do broche não remete ao ato ilícito se analisarmos pela perspectiva de uma mulher favelada, que vive entre dois mundos distintos, o luxo da casa da patroa e a pobreza na favela. Caberiam vários questionamentos com este conto, principalmente em relação ao padrão de representatividade que Ditinha possuía. Baseados em conceitos europeus de aparência perfeita ao ponto de Ditinha se desconsiderar como uma mulher com beleza própria: “Olhou-se no espelho e sentiu-se tão feia, mais feia que normalmente se sentia. E se eu tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar os meus cabelos? (Ditinha detestava o cabelo dela.) Mesmo assim eu não assentaria com essas jóias” (EVARISTO, 2006, p. 95). Ditinha e grande parte das mulheres negras passaram por esta situação, de não reconhecerem beleza em seus traços, pois não se encontrava representatividade em cosméticos, produtos ou roupas que valorizassem as aparências negras.

Na obra de Ondjaki (2007), *Os da minha rua*, encontra-se Ndalú, o personagem que também é narrador e ainda menino revela a singularidade de sua infância em pequenos contos. Na cronologia de Ndalú, estamos no final da década de 80 onde o término da guerra civil marcou muitas vidas e deixou questionamentos. Como no conto *O portão da tia Rosa*,

(ONDJAKI, 2006, p. 98-99), Ndalú desde bebê havia sido cuidado pela madrinha que carinhosamente chamava de tia Rosa. O menino guardava boas lembranças nas tardes com a tia. Ao ir visitá-la com os pais, chegando na casa o portão estava aberto, assim como a gaiola em que ficavam as rolas. Espantados com a situação tentaram poupar Ndalú que ficou sem entender o que havia acontecido.

Tive que sair. Não me apetecia sair dali, de uma das casas da minha infância de tantas brincadeiras. Mas não me apetecia estar ali sem a tia Rosa e sem o tio Chico. [...] Quando a minha mãe fechou o portão, aquele barulho fez um estrondo bem maior. Eu já estava no carro e começaram a vir as lágrimas. Quando eu era tão criança eu não entendia mesmo as lágrimas. (ONDJAKI, 2007, p. 99).

A moradia de Ndalú era muito boa, em relação ao barraco na favela de Maria Nova, a casa era grande com o primeiro andar de varanda “fomos até o quarto da minha irmã Tchi, e saltamos da varanda para uma espécie de telhado” (ONDJAKI, 2007, p. 19); possuía ar-condicionado, como relata o conto *A professora Genoveva esteve cá*, “O ar-condicionado funcionava mal. Fazia muito calor” (ONDJAKI, 2007, p. 45); em sua casa tinha telefone, que o menino adorava atender e dividia o quarto com a avó Agnette que lhe contava histórias, “Agnette continuava a partilhar as noites comigo, contando, inventando, alterando as estórias todas, as de antigamente, as do presente e as outras, como se o tempo fosse o saco de ar com bolinhas que ela gostava de rebentar.” (ONDJAKI, 2007, p. 143). Ndalú já havia visitado o Namíbe, província onde nascera seu pai, viajando de avião com toda a família. Sua mãe era professora e em vários momentos nas histórias ele a recordava acompanhando seus estudos.

Como podemos observar a família possuía condição financeira semelhante à de classe média.

Em relação à situação financeira do menino, gostaria de citar “*O perigo de uma história única*” da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2018). Nele encontram-se relatos de situações em que a escritora foi submetida desde criança ao escutar apenas uma versão das muitas histórias que lhe contavam em relação à forma de vida das pessoas pobres em sua cidade, fazendo com que fosse a única verdade. Chimamanda era filha de pai professor e mãe administradora e relata, “Tínhamos, como era comum, empregados domésticos que moram em nossa casa e que, em geral, vinham de vilarejos rurais próximos” (ADICHIE, 2018, p. 8).

Um episódio que a autora conta é relacionado a um menino chamado Fide, que fora trabalhar em sua casa, a mãe doava alimentos e roupas ao rapaz e sempre dizia que ele vinha de uma família muito pobre (ADICHIE, 2018, p. 8). A menina ficou com esta única história

do rapaz. Até ser surpreendida com lindos cestos de palha que a família de Fide confeccionava. (ADICHIE, 2018, p. 9). A família do vilarejo, apesar de muito carente, complementava a renda com cestos de palha que tinham habilidade em confeccionar para vender.

No entendimento de Adichie o fato da família ser pobre era uma condição para continuar na ignorância e não buscar outros meios de sair daquela situação, tendo em vista que ganhavam doações de sua família. Tomando de exemplo este episódio, insisto no perigo de ficarmos com apenas uma versão dos fatos, de realizar julgamentos com base apenas em um dos lados factuais das histórias.

Quando começou a escrever a autora conta que em suas narrativas “só existiam personagens brancas, de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo.” (ADICHIE, 2018, p. 7), ela nunca tinha visto a neve, porém os livros britânicos que ela lia apresentavam este perfil de pessoas, e embora morasse na Nigéria a autora nunca havia encontrado literatura que contasse com personagens negras como ela. Até aquele momento Chimamanda continuava com uma história única, de que os livros não falavam de pessoas de pele negra.

Assim como Adichie possuía uma visão equivocada da vida do menino Fide, por desconhecer que pessoas pobres possam ter outras habilidades além do trabalho braçal, grande parte dos brasileiros também desconhece ou possui uma única história da população de origem africana, mantendo a imagem estereotipada de considerar África apenas um país.

Quando mostrada na mídia e em livros didáticos, a população africana é associada à condição de miserabilidade, decorrente de conflitos internos e sem acesso à escolarização.

Os conflitos em Angola existiram por um longo tempo, porém como em qualquer nação subdesenvolvida os contrastes sociais permanecem. Luanda, capital de Angola, é uma cidade encantadora com expansão na área da construção civil e arranha-céus semelhantes aos da cidade de Dubai, nos Emirados Árabes.

Os angolanos em sua grande maioria manifestam orgulho pela pátria, comemoram o dia de sua independência e convivem com os registros da guerra e dominação colonial como memória do período de lutas de seu país, como conta Cesar Fraga no documentário *Sankofa - A África que te habita* (2020) realizado pelo fotógrafo e o escritor e professor do Instituto de Artes da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) Maurício de Castro; nele o caminho do tráfico de escravos em países africanos é registrado por fotos e imagens, mostrando a riqueza cultural destes territórios. O padrão de vida de Ndalu mostra o quanto

pode ser pontual sua condição de vida, mas não justifica generalizações de fatos negativos em relação à descendência africana.

A autora Ana Mafalda Leite em sua obra *Oralidades e escritas nas Literaturas Africanas*, (2014), observa a dimensão da oralidade nestas literaturas, e “apresenta uma coletânea de ensaios acerca de como as marcas da oralidade estão presentes nos textos de autores de países africanos de Língua Portuguesa” (SILVA, 2016, p. 1). Leite classifica as oralidades conforme a autoria das obras e objetiva um aprimoramento na noção de oralidade tendo em vista o crescimento editorial destas literaturas, conforme Michel Augusto da Silva declara na *Revista Eletrônica de Cultura e Literatura dEsEnreDos* (SILVA, 2016, p. 1).

## 2.2 A Ancestralidade em Vó Rita e Vó Agnette

Apesar de Tio Totó ter sido um grande contador de histórias na obra de Evaristo, neste capítulo pretendo abordar o tema da ancestralidade em uma perspectiva feminista. Ganharão destaque as personagens que ocupam o lugar de “avós” nas duas narrativas.

Em *Becos da memória*, a personagem que desperta admiração ao leitor chamava-se Vó Rita. Uma pessoa que pensava no bem-estar de todos da favela, e era vista na maioria das vezes como o único auxílio nos momentos difíceis para os moradores, principalmente se fossem mulheres grávidas, pois Vó Rita era parteira. Não possuía parentesco com ninguém, mas era carinhosamente chamada de “Vó Rita” pela idade avançada e por se dedicar ao carinho e cuidado de forma gratuita. Ela nunca era vista triste e tão pouco reclamava. Os amontoados becos da favela permitiam a aproximação com os vizinhos, desta forma o problema de cada um acabava sendo partilhado por todos e acolhido por Vó Rita também.

Evaristo (2006, p. 27) a descreve assim: “Era bonita Vó Rita! Tinha voz de trovão. Era como uma tempestade suave. Vó Rita tinha rios de amor, chuvas e ventos de bondade dentro do peito”. Uma mulher negra/preta de aproximadamente 80 anos, alta, gorda e sempre de bom humor, diz a autora (EVARISTO, 2006, p. 27). Conceição mostra nesta personagem a ancestralidade personalizada, simbolizando a esperança e a sabedoria, sua vida era dedicada à caridade. Ao imaginar Vó Rita, o leitor poderá recordar alguém em suas lembranças de infância com características semelhantes, “Quantas vezes um fuzuzê estava armado e, se ouviam a voz de Vó Rita por perto, cada contendor tomava o seu rumo. Não era preciso dizer nada. Era só ouvir a voz de Vó Rita, o valentão ou a valentona se desarmava todo.” (EVARISTO, 2006, p. 82). Mas quem era Vó Rita? Em “palavras de não dizer”, que

pode ser a leitura do olhar da observação e da escuta, conseguiremos realizar um perfil da personagem.

Vó Rita é uma mulher negra/preta de muita vivência e como as mulheres de sua época, talvez, desde muito cedo aprendera a se adequar a esta condição e em obediência auxiliava as antigas parteiras. Dedicava-se a cuidar de vidas ainda no ventre das mulheres, dedicava-se ao amor ao próximo.

A imagem que Maria Nova nos deixa, nas últimas linhas da obra de Evaristo é a comparação que faz, mesmo que num misto de sonho e alucinação, de Vó Rita com a mãe da humanidade “E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens. Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos.” (EVARISTO, 2006, p. 174).

A figura das avós em muitas famílias é marcada pela doçura com as palavras. Nas histórias contadas sobre os ancestrais para os mais novos, transportam a vivência do passado para o tempo atual, no desejo de continuidade desta prática entre as gerações. Em *Becos da memória* o nome da personagem narradora Maria Nova remete à ideia de sucessão de sua tia Maria Velha, na tentativa de perpetuar a ação de contar histórias. Esta é a característica de uma oralidade marcada pela tentativa de continuidade que a autora utiliza, afirma Leite,

Um dos modos de equacionar esta relação foi através da ideia de “continuidade”, exposta como vimos, por exemplo, através da ideia do “gênero” africano versus “gênero” ocidental; ou seja, é “natural” que um escritor africano use o conto, porque este é o gênero que permite estabelecer a continuidade com as tradições orais. (LEITE, 2014, p. 29).

Embora não seja uma Literatura africana, a narrativa de Evaristo deixa-se conduzir pela energia dos contos de ancestralidade negra/preta favorecidos pelo “gênero textual” com a finalidade de manter a memória. Sobre a ancestralidade trago um apontamento importante em relação à autora, assim como Maria Nova ela também foi inspirada pelos ensinamentos de um familiar.

Na figura de Tio Tatão ela homenageia aquele que teria lhe ensinado as primeiras noções de negritude: “Assim é possível identificar nos últimos trechos citados uma síntese daquilo que Conceição considera como sendo missão sua: transcender a própria individualidade e contar através de suas histórias a história dos seus, com o objetivo de construir um futuro diverso” (MACHADO, 2014, p. 91).

Com base nas palavras de Tatão que lhe aponta as dificuldades da população negra/preta em existir, ele pede que ela se realize sem se esquecer dos que se foram sem ter



tido tempo de viver o que sonharam: “A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos” (EVARISTO, 2018, p. 106). O compromisso com as lutas por representatividade, onde pouco se ouvia falar que negros/pretos fossem competentes o suficiente para ocuparem certos espaços, é assumido neste excerto da obra de Evaristo.

Em *Os da minha rua*, na casa da avó Agnette estão guardadas belas recordações dos jogos de bola, quase sempre interrompidos pelo seu chamado para o intervalo do lanche. Às vezes o lanche era chá com pão e banana no meio, outra vez fora manga verde que juntamente com os primos “roubaram” e degustaram com sal. Tudo isso na casa da vó Nhé, onde todos os amigos se encontravam, os primos e os amigos dos primos. Agnette tinha um jeito seu de falar *maka*<sup>1</sup>, quando queria ralar com os meninos, utilizava frases do seu dizer; “mas vocês gostam de dar de beber aos mosquitos, ou o quê?” (ONDJAKI, 2018, p. 111). Na família de Ndalú e do autor Ondjaki as pessoas que guardam histórias para contar são as pessoas mais velhas, são elas que criam ou sempre tem uma narração à espera de uma escuta. Mafalda Leite, questiona:

[...] de que forma é que as literaturas africanas recuperam ou reíntegram o intertexto oral?”. E como resposta são apresentadas duas possíveis maneiras. A primeira parte da ideia de “continuidade” da oralidade nos textos escritos, que pode ser observado através da exploração dos ritmos e dos temas, usando a língua como elemento potencial de captação estilística e vendo nesse trabalho uma “natural” mimetização ou reprodução da oralidade. (SILVA, 2016, p. 2).

Movida pela elucidação do termo “oralidade” em *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, a autora fala “oralidades” tendo em vista a pluralidade cultural. Ela recupera a narração ancestral e a define como memória coletiva, segundo Silva, “É importante salientar que aqui a autora fez o uso da memória ancestral pois nas narrativas orais há o efeito da significação mítica através dos ancestrais, mas através da escrita, podemos chamá-la também de memória coletiva” (SILVA, 2016, p. 4).

Ao contrário de Vó Rita, a avó de Ndalú sempre contava muitas histórias para o menino, trazidas de longe ou de perto e desdobradas no tempo, um tempo de longas madrugadas a conversarem. A afinidade de Agnette com o neto fez ela perceber a inquietação e o desconforto que ele sentia ao concluir que precisaria despedir-se de muitas coisas, além da casa materna. Seria uma despedida calma e lenta como a de tirar um punhal do peito, a dor

<sup>1</sup> Cf, Ondjaki, 2007, p. 158 Glossário: conversa, questão, disputa, caso, assunto.

lenta, o sangue e as lágrimas escorrendo. Ndalú crescia e para a outra fase da sua vida ocupar o espaço da individualidade do menino, os outros *camaradas* precisam ficar guardados na lembrança junto com toda a rua. No último conto da obra, Agnette emociona o leitor com sábias palavras que carinhosamente respondem à pergunta do neto.

    Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

    - Vão para casa, filho.

    - Tantas vezes de um lado para o outro?

    - Uma casa está em muitos lugares – ela respirou devagar, me abraçou.

    - É uma coisa que se encontra. (ONDJAKI, 2007, p. 146).

Para Ondjaki tudo tinha cheiro e às vezes gosto desagradável das despedidas que faziam as coisas ganharem outro significado. Encontrar outro local que pudesse chamar de lar era a aflição do menino no momento. Com certeza as palavras da Vó Nhé confortaram seu coração. No capítulo seguinte serão apresentadas as histórias das personagens com seus momentos de similaridades justificados pelos recortes das narrativas contidas nas obras.

### 3 PARECENÇA ENTRE AS MEMÓRIAS INFANTIS DE MARIA NOVA E NDALU

Apesar das personagens de ambas as obras pertencerem a universos diferentes em espaços culturalmente distintos, e onde uma das obras carrega o sofrer na vivência diante de tanta pobreza, alguns episódios podem ser considerados semelhantes. Nas lembranças afetivas de Ndalú surgem os amigos chamados por ele pela expressão *Camba* (que significa amigo), a linguagem da rua que só eles entendiam. Tinha o Tibas, o Bruno Ferraz e o Jika.

Maria Nova não tinha muitos amigos, mas se aproximava de Beto, filho de Ditinha que assumiu a responsabilidade de cuidar dos irmãos após a prisão da mãe. Ainda na rua acontece o *Carnaval da Vitória* em Angola, e no Brasil de Maria Nova, a Festa Junina na casa de cabo Armindo era um acontecimento muito esperado: “quem bancava tudo eram os ricos que moravam no bairro nobre bem ao lado da favela. Bancavam para que os favelados não os importunassem. Havia outros bairros perto de favelas em que as casas eram constantemente arrombadas.” (EVARISTO, 2018, p. 45).

Na preparação para a festa do cabo Armindo exigia-se ensaios para quem fosse participar da quadrilha e quem faltasse perdia o direito de se apresentar, narra Evaristo (2006, p. 45). Era um momento de muita alegria para todos na favela e onde Maria Nova observava a mãe se enfeitar com vestido costurado por ela.

O *Carnaval da Vitória* de Ndalú também envolvia familiares e amigos com muita animação. A reunião acontecia na casa da Vó Nhé: “O dia da véspera do carnaval”, como dizia a Vó Nhé, era dia de confusão com roupas e pinturas a serem preparadas, sonhadas e inventadas” (ONDJAKI, 2007, p. 60). Quando retornavam do grande desfile eram recebidos com um pequeno lanche com gasosa “batizada” que era misturada com água, as roupas e as pinturas já eram só restos.

A Literatura negra/preta vem resistindo a todos os contratempos. O professor Eduardo Assis Duarte que mantém o *site* Literafro, ainda na voz de Camillo, (NOTAS DE ESCURECIMENTO, 2020) pontua alguns aspectos para se considerar a Literatura negra/preta ficando registrados três:

[...] o primeiro aspecto seria a temática – a incorporação da experiência do negro no texto literário; o segundo aspecto seria a autoria - o negro surge como sujeito de sua enunciação, colocando sua maneira de ver, sentir e entender o mundo e o terceiro aspecto é o ponto de vista – deve-se perceber a adesão à História e tradições negras. (DUARTE, 2015, p. 29).

O primeiro aspecto da Literatura afro-brasileira apontado por Duarte é a temática e a incorporação da experiência do negro no texto literário, este lugar coincide com a obra *Becos da memória* de Conceição Evaristo. Na página 17 da obra encontra-se um fragmento que exprime o resumo deste aspecto se pensarmos na vivência da infantil menina: “Homens, mulheres, crianças que se amontoavam dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (EVARISTO, 2006)”. Em *Becos da memória* a temática é oriunda da vivência da população negra, as informações trazidas neste excerto pela autora apontam para uma condição de vida da população negra/preta que persiste até hoje, a moradia em aglomerados subnormais assim classificados pelo IBGE/2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e comprovados pela convicção da personagem em contestar a professora na aula de “História e libertação dos escravos”.

Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. (EVARISTO, 2006, p. 142).

Maria relata dando voz às lembranças da autora, no anseio por revelar a vida daquelas pessoas que se desdobravam nos espaços estreitos da favela. Talvez a menina não soubesse que aquele território periférico, desde o momento da libertação dos escravos, teria sido destinado às pessoas que edificariam os grandes centros com sua força de trabalho e que ficariam restritas a desfrutar destes locais pela sua cor e condição social. Mulheres, como a personagem Ditinha, de *Becos da memória*, que trabalha como doméstica e mora na favela, cruza o asfalto para dedicar-se a cuidar de crianças dos patrões e de luxuosas mansões, contrastando imensamente com o barraco de sua moradia. Essa categoria de trabalhadores considerados “minorias sociais”, são na verdade a grande maioria da população brasileira que vivem nas regiões periféricas dos grandes centros urbanos.

Com base no segundo e terceiro aspectos, que trazem a Autoria - o negro/preto surgindo como sujeito de sua enunciação, colocando sua maneira de ver, sentir e entender o mundo e o Ponto de Vista - onde ele deve perceber a adesão à História e as suas tradições, insiro a Literatura em Língua Portuguesa escrita pelo angolano Ondjaki.

O último conto da obra *Os da minha rua* (2007) intitulado *Palavras para o velho abacateiro*, relata de forma poética a passagem do menino da infância para a adolescência. Ondjaki neste conto imprime o verdadeiro sentido de pertencimento, com cheiros, gostos amargos de “não saber dizer” e a difícil tarefa de se despedir dos espaços que preencheram sua infância de alegrias. “A linguagem é, sem dúvida, um dos fatores instituintes da diferença cultural no texto literário” afirma (DUARTE, 2015, p. 37) e Ondjaki faz uso deste aspecto ao utilizar expressões de origem Angolana. Em relação às obras de Ondjaki, a linguagem acompanha os atravessamentos culturais que são perceptíveis pela influência do colonialismo português, a ditadura Salazarista e a Guerra civil em Angola.

Nesta narrativa o autor se utiliza de palavras de origem do *Quimbundo*, faz referências à comemoração de 27 de março e a expulsão dos sul-africanos do solo angolano e revela alguns costumes do povo africano. A expressão “*camarada*” citada pelo autor nos contos que descrevem a fase escolar do menino é muito utilizada para referir-se aos professores. Alguns eram cubanos e depois de determinado período precisaram retornar a seu país de origem.

Os *camaradas* professor Angél e professora María, ambos cubanos, foram fiéis ao trabalho realizado na escola “Juventude em Luta”, tanto que marcaram a vida dos meninos, deixando a despedida deles melancólica mas com profundo ensinamento de honradez. Para o menino, “Despedida tem cheiro de amizade cinzenta” (ONDJAKI, 2007, p. 119). A utilização de *camaradas* entre os amigos de Ndalú é uma definição fraternal que não suportaria o peso de um contexto histórico marcado por revoltas e posições políticas apontadas por DEAN (2021), o termo utilizado pelos meninos cabe no espaço das lembranças de infância.

Esses contos com lembranças alegres de festas ficam eternizados nas lembranças das crianças. O colorido, o gosto, o aroma completam as recordações em nossa memória. E quando falo em “nossa memória” recordo o título desta escrita “Os da nossa rua” , presumindo que todos guardam com carinho um instante alegre da infância.

Em outra situação, apesar da distância temporal entre o desenrolar das infâncias, Ndalu conviveu com um cão de estimação que possuía doença de pele: “Normalmente ele comia as nêspas meio cansadas ou de pele já escura que ninguém apanhava. Mexia-se sempre devagarinho, bocejava, e era capaz de ir procurar um bocadinho de sol para lhe acudir as feridas, ou então mesmo buscar regresso na casota dele (EVARISTO, 2018, p. 27)”. Em *Becos da memória* “a outra” causava curiosidade em todo mundo da favela. Isolada sob a proteção de Vó Rita, “a outra” possuía o “Mal de Hansen” e conforme os médicos anunciaram, a demora em iniciar o tratamento dificultaria a recuperação da mulher. (EVARISTO, 2018, p. 173).

Convidada a trabalhar na Colônia São Lázaro onde ficaria internada “a outra”, Vó Rita também estava saindo da favela, num gesto de infinita bondade, iria cuidar de quem mais necessitasse de sua ajuda (EVARISTO, 2018, p. 173). O amor de Vó Rita tornou-se insuperável com este gesto, a prática de doar um pouco de sua vida para as pessoas encontra-se na tradição africana também. Algumas lideranças consideradas conselheiras dedicam-se a manter em harmonia os grupos das etnias de que fazem parte. Veremos o que conta a “Prática da oralidade africana presente na Literatura” no próximo capítulo em relação a esta atividade.

### **3.1 A prática da oralidade africana presente na Literatura**

A autora Ana Mafalda Leite em *Oralidades e Escritas nas Literaturas Africanas* (2014) expressa algumas definições acerca da oralidade no início desta obra, mencionando como ela se organiza: “[...] a primeira parte é destinada a abordar o que é a oralidade; como a oralidade é estudada por críticos de literatura africana; os diferentes tipos de oralidade e as características das oralidades dos países africanos de língua portuguesa,” (SILVA, 2016, p. 1).

Em relação à oralidade ela reitera o tratamento diferenciado na definição de aspectos da cultura em África, tendo em vista sua multiplicidade de costumes; neste contexto ela adota o termo “oralidades” para caracterizar o território africano e as múltiplas informações trazidas de lá.

Podemos pensar em oralidade como prática primeira em relação à escrita de povos tradicionais, que transmitem seus costumes somente pela verbalização. Este pensamento poderá nos levar a caminhos sinuosos em relação à população africana. Muitas lideranças

étnicas certamente não deixavam apenas histórias como tradição cultural, mas um legado a ser seguido. A escrita não deve ser desvinculada da tradição africana. LEITE lembra:

A predominância da oralidade em África é resultante de condições materiais e históricas e não uma resultante da “natureza” africana; mas muitas vezes este facto é confusamente analisado, e muitos críticos partem do princípio de que há algo de ontologicamente oral em África, e que a escrita é um acontecimento disjuntivo e alienígena para os africanos. (LEITE, 2014, p. 17).

Embora a literatura de Conceição Evaristo não seja de origem diretamente africana, sua narrativa é composta por um personagem negro de descendência escravizada e outros, com ancestralidade marcada pela condição periférica de habitação que são maioritariamente pessoas negras. Retomo, neste capítulo, a Literatura afro-brasileira, classificada pela *Temática* por Eduardo de Assis Duarte, que aponta a oralidade como prática comum nas tradições culturais e religiosas. Em *Becos da memória* as tradições religiosas são marcadas por esta oralidade:

Havia determinadas pessoas na favela que eram conhecidas como “tiradeiras de terço”. Eram elas quem dirigiam as orações, e sempre se faziam necessárias. Pois havia as rezas do mês de maio, mês de Maria, as rezas de outubro, mês do Rosário, as novenas de novembro, preparação para a chegada do Menino Jesus, os santos juninos e outros. (EVARISTO, 2006, p. 43).

Esta prática é uma herança do colonialismo português perpetuada no Brasil e recorrente no interior de alguns estados. Nas Literaturas de Língua portuguesa as oralidades possuem características diversas sofridas pelos atravessamentos de cada nação colonizadora, “o papel dos mais velhos na sociedade actual é manter a sobrevivência dos mitos e das oralidades, a ideia de nação; [...] a forma de integrar estes valores na sociedade moderna tem vindo a ser tratada em algumas narrativas moçambicanas e angolanas” (LEITE, 2014, p. 67). Com a obra de Ondjaki *Os da minha rua, não foi diferente, vários fatores culturais são mostrados nos contos. O Dia 1º de maio descrito na história nos remete ao sentido de nação:*

No largo 1º de Maio estava tanta gente acumulada, bué de escolas já em formação, numa curva, todos direitinhos, à espera da vez de marchar. Na tribuna, bem lá em cima, estava o camarada presidente, numa camisa azul-clara e um lenço branco a fazer adeus aos pioneiros que passavam. (ONDJAKI, 2007, p. 76).

O próprio conto, *O Último Carnaval da Vitória* com a comemoração do dia 27 de março, indica o fim dos conflitos armados dentro de Angola; embora o menino descreva a

presença de soldados e “Akás” (armas providas da antiga União Soviética) em alguns trechos da narrativa, como podemos observar:

Dia 1º de maio, Dia Internacional do Trabalho: quase não havia barulho na minha rua, só alguns gatos, os guardas da casa do Jika iam-se deitar, pousavam as Ákas no chão, lavavam-se ali numa torneira no jardim de trás. (ONDJAKI, 2007, p. 75).

O convívio com as armas de fogo era comum entre as crianças de Luanda, os indícios dos conflitos internos estavam por todo o lugar. Os sinais destas revoltas mantêm na lembrança do povo angolano a conquista da liberdade. Por outro lado, aqui no Brasil, grande parte das crianças que moram em favelas convivem com pessoas armadas com “Akas”, naturalizando o uso de armas de fogo entre seus moradores.

E por tratar do assunto lembranças venho me reportar à tradição africana, onde existe uma pessoa que faz um elo com os personagens das duas obras estudadas chamado *Griot*: “não existindo tradução na Língua Portuguesa para este termo, sua função é múltipla, [...] ele pode ser artista, músico, contador de histórias, genealogista, conselheiro de reis [...] ele vai mediar toda espécie de conflitos”. (BERNAT, 2013, p. 51). A função de contador de histórias utilizarei para referir-me aos personagens Ndalú e Maria Nova.

Em suas lembranças da infância, as crianças rememoram instantes muito significativos para eles e para quem aprecia a leitura das narrativas. Cada conto de Ondjaki revela parte da história local de Luanda ocorrida naquele período. Ele relembra o clima, a estação das chuvas, e das frutas com o velho abacateiro. Fala dos amigos e de suas histórias com eles, recorda dos camaradas professores e dorme com a coleção de outras histórias da Vó Agnette. Finge que acredita na piscina de Coca-cola do Tio Victor para poder continuar gargalhando dos outros causos que ele contava.

Em *Becos da memória* de Conceição Evaristo, Maria Nova guarda consigo muitas lembranças das histórias de Tio Totó, Bondade, Nego Alírio e tantos outros que dividiam com ela os espaços apertados daquele beco. São melancólicas narrativas do passado que contam muito sobre o presente que a menina acompanha. Em Maria Nova identificamos uma *griotte* que assume o compromisso de dar voz e visibilidade àquelas pessoas através da escrita de suas histórias. Será a guardiã das memórias de sua descendência e quem sabe, além de escritora, se transforme em conselheira e militante das causas raciais dentro da Literatura Brasileira.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura brasileira demorou muito tempo para apresentar obras de autoria negra como referência para esse público. Com o surgimento da Frente Negra, autodenominada "órgão político e social da raça" na década de 30, e a efervescência de grupos de temática racial, lideranças passaram a elaborar jornais que pudessem noticiar a vida da população negra de forma positiva. Nesta sequência os escritores de poemas e narrativas passaram a assinar suas composições, conforme a Fundação Palmares, 2017. A população negra há muitos anos busca ser reconhecida na sociedade, mostrando que também possui intelectualidade, destacando-se na Literatura e em outras áreas, não só no samba e no futebol.

Mesmo diante de tanto tempo de lutas por um espaço editorial que contemplasse a raça negra, somente com a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica as obras de autorias negras ou com personagens negras passam a ocupar, lentamente, as livrarias e bibliotecas escolares. A população negra sempre foi vítima de preconceito com relação a sua cor e é também classificada como algoz de si própria, por pessoas que desconhecem as pautas que defendem e, atualmente, se encontram na posição de professores das temáticas antirracistas.

O processo de conscientização da presença negra naturalmente inserida no contexto social é muito longo e doloroso, temos que nos justificar o tempo inteiro. Porque queremos estar neste ou naquele espaço? Qual a nossa intenção? Para quê o Dia da Consciência Negra? Estas perguntas não seriam feitas a pessoas não-negras. As festas italianas ou alemãs não são questionáveis, são contribuições culturais para o Estado do Rio Grande do Sul, para deixar a argumentação mais localizada; todas as pessoas concordam, negras ou não. Mas e se dedicassem um dia à população negra para divulgarem as suas contribuições para o Brasil, ainda no contexto escravagista; onde várias etnias trazidas de África com suas tradições culturais, sua língua local e seu comportamento que foram exploradas e exauridas, será que seriam aceitas? Pela possibilidade de negativa deste questionamento, reafirmo a importância de valorizar os escritores negros citados neste trabalho e suas respectivas obras.

As narrativas mostram dois universos aparentemente diferentes mas com temáticas semelhantes às infâncias e seus territórios. O ponto forte entre as similaridades das obras *Becos da memória*, de Evaristo, e *Os da minha rua*, de Ondjaki, é a despedida dos espaços de suas infâncias e talvez até mesmo a despedida da própria infância dos pré-adolescentes. Quem de nós não guarda no fundo de suas lembranças um acontecimento marcante deste período? E se a despedida da infância coincidissem com o lugar onde ela própria aconteceu? Mais marcante ainda fica o sentimento de saudade. Diante de todas as situações enfrentadas pelos personagens a passagem para a adolescência se mostra a mais dolorosa.

O menino Ndalú desperta no leitor a sensação de insegurança que muitos de nós sentimos, tanto no Ensino Médio quanto na escolha de um curso universitário, ocasionando a saída da casa dos pais. A antecipada sensação de não-pertencimento aos lugares com a notícia da partida é um dissabor constrangedor.

Queremos ser fortes e corajosos para desafiar a nova jornada, porém ainda estamos presos nas lembranças dos dias que virão sem a nossa presença naquele lugar. Todos irão seguir em frente com seus afazeres, Ndalú faz alusão ao passeio das lesmas pelo quintal e questiona a avó: “- Para onde vão as lesmas avó? Ela responde: - Para casa, filho”. Agnette consegue em poucas palavras sintetizar para o neto o significado da palavra “casa”, quando afirma que “uma casa pode estar em muitos lugares, é só encontrar” (ONDJAKI, 2017, p. 146) . A partir deste momento, o menino e o leitor se sentem abraçados pela sabedoria da avó quando ele se acomoda a seu lado na tentativa de tranquilizar sua respiração.

Maria Nova, em sua despedida da favela, comenta sobre os últimos dias na escola em que fizeram as provas finais e, quando voltar a estudar um dia, irá passar para o papel todas as histórias daquele beco. Uma das despedidas de Maria Nova foi a da Vó Rita, quando a menina chega à sua casa e encontra “a outra” debilitada pela doença, não sente a curiosidade de olhá-la, ela escuta de Vó Rita que irá cuidar dela e de quem precisar de sua ajuda em uma Colônia chamada São Lázaro para pessoas com o “Mal de Hansen”. A lição de vida e dedicação de Vó Rita seguiram infinitas.

Os últimos momentos de Maria Nova são angustiantes, ela caminha de um lado para o outro no barraco, quando chega a noite sonha com Vó Rita. A analogia que a menina faz no sonho com a humanidade toda, sem distinção saindo de dentro do peito de Vó Rita, pode ter várias interpretações. Uma delas é de que a Bondade humana está nos gestos de pessoas simples e humildes, ou ainda de que os homens coloridos devem ser tratados iguais, afinal de contas a origem da humanidade é diversa.

Ao retomar trechos das obras gostaria de indicar nas narrativas o excelente apoio pedagógico pertinente na utilização dos contos em sala de aula. Cada história possui seu enredo que favorece as discussões da realidade da população brasileira vividos pelos personagens de *Becos da Memória*. Nos contos de Ondjaki a eterna infância na rua desperta as boas lembranças dos amigos, da avó e da turma da escola. Lembrando que o narrador é um menino que mora na capital de Angola chamada Luanda, no Continente Africano.

Quanta riqueza de informações pode-se retirar apenas da descrição do autor de *Os da minha rua*. Os escritores Ondjaki e Conceição Evaristo são referências na Literatura Negra Brasileira e Africana; consecutivamente, seus contos servem de inspiração para crianças e jovens que queiram iniciar a primeira escrita, através de seus contos.

A ressignificação da favela, um território tão marginalizado e estigmatizado em relação à violência, faz com que pensemos na organização de muitas favelas atualmente. Hoje em dia elas contam com parcerias de instituições, empresas e a assistência da Central Única das Favelas que é referência na comunidade, auxiliando muitas famílias com a realização de ações culturais e de bem-estar, além da distribuição de cestas básicas.

Quanto ao continente africano, em especial Angola, pode-se desconstruir a imagem de miséria extrema como é apontado pelos meios de comunicação, através dos contos de Ondjaki. Existe desigualdade social, porém, juntamente com ela há a expansão econômica que permite ver a capital Luanda como uma cidade com potencial para Centros Turísticos atrativos.

As oralidades, bem definidas por Ana Mafalda Leite, colaboram para uma melhor compreensão da Literatura e cultura africanas. A proposta de observar as semelhanças da vida das personagens vem da necessidade de mostrar a intelectualidade negra de dois países diferentes, e que se encontram nas confluências das memórias das crianças narradoras já adultas. Os contos, se forem bem explorados, fortalecerão a luta contra o racismo nas escolas e na vida dos primeiros leitores da Literatura negro/preto-brasileira.

Portanto, encontro como resultado da pesquisa uma vasta Literatura de temática racial, dentro da Literatura brasileira e angolana, que contempla escritores contemporâneos mantendo as lendas e costumes africanos, mitos brasileiros e personagens negras/pretas com suas características físicas descritas de forma natural. O território africano identificado como país e as favelas incluídas em espaços possíveis de cultura e arte.

O campo literário dedicado ao público infanto-juvenil buscando adequação e espaço para a diversidade em suas histórias e poemas. Neste sentido, me despeço das obras, das crianças, das memórias da minha infância e dos “da nossa rua”.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, LEI nº 8.069 de 13 de junho de 1990 . Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 de jul. 1990 Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf> Acesso em: 20 de fevereiro de 22.

BRASIL, Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de referência ENEM, 2020**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003. Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm) Acesso em: 20 de fevereiro de 22.

BERNAT, Isaac. **Encontros com o griot Sotigui Kouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DEAN, Jodi. **Camarada**: um ensaio sobre pertencimento político. São Paulo: Boitempo, 2021.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Revista de Crítica Literária Latinoamericana**, n. 81, p.19-43, jan./jun., Lima-Boston, 2015. Disponível em: [Microsoft Word - 19-43-ADD-44-Duarte-FORMAT.doc \(tufts.edu\)](#). Acesso em: 19 fev. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivência como rota de escrita acadêmica. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Editora ática, 2014.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas nas literaturas africanas**. Lisboa: [s. n.], 2014

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MACHADO, Bárbara Araújo. “**Recordar é preciso**”: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008). 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14614>. Acesso em: Disponível em: 27 ago. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**: SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: [s. n.], 2005.

NGOZI, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOTAS de Escurecimento: vivências sobre a literatura negra brasileira – com Plínio Camilo - VÍDEO 1. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (35 min 37 seg). Publicado pelo canal Fábricas de Cultura. Disponível em: <https://youtu.be/bB7H7UU1yu0>. Acesso em: 27 ago. 2021.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

PROGRAMA Convida: Ep. 1 - Cadernos negros, por Quilombhoje. [S. l.: s. n.], 2020. Publicado pelo canal Catorze de Maio. Encontro de gerações. [Entrevista cedida a] Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. Instituto Moreira Salles quarentena, nov. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/itkuXpTd3BE>

SANKOFA: a África que te habita. Direção de Rozane Braga. Realização de César Fraga. Intérpretes: Zezé Mota. S.I: Fbl Criação + Produção, 2020. son., color. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81350302>. Acesso em: 25 fev. 2022.

SILVA, Márcia Maria Oliveira. As mulheres de “Becos da Memória”: reflexões sobre gênero e raça no ambiente da favela. *In*: CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES, 2., 2014, Espírito Santo. **Anais** [...]. Espírito Santo: Universidade do Espírito Santo, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/cnafricab/article/download/9491/6504>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SILVA, Michel Augusto Carvalho da. Oralidades e escritas em Literaturas Africanas. **Revista dEsEnrEdoS**, ISSN2175-3903, v. 8, n. 25, Piauí, 2016. Disponível em: [dEsEnrEdoS](https://doi.org/10.1108/dEsEnrEdoS-09-2021-0000). Acesso em: 09 set. 2021.

SURGIMENTO dos Cadernos Negros – Cuti Silva Parte 1. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (10 min 31 seg). [Entrevista cedida a] Débora Garcia. [No Lançamento e comemoração do 40º volume dos Cadernos Negro, o depoimento dos criadores Luiz Silva Cuti, e Hugo Ferreira Zambukaki sobre a criação em 1978.], dez. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/9NGHhHUNcZk>. Acesso em: 09 set. 2021.